**RESUMO EXPANDIDO EPCA 2024**

**DA ORALIDADE DOS MAIS VELHOS AO CORPO VIRAR ESCRITA BICHA AMAZÔNIDA RACIALIZADA ESPIRALANDO O TEMPO**

**(Andrey CHAGAS - UFRJ)[[1]](#footnote-1)**

**RESUMO**

Pensar numa escrita compartilhada com os saberes do mais velhos é pensar nosso corpo Amazônida imerso em histórias, desde visagens, ervas a culinárias, isso é o que atravessa vertiginosamente nossas possibilidades de habitar nosso território e nos deslocarmos sem perde de vista nossa territorialidade e cultura. O que o corpo de uma bicha racializada na Amazônia pode narrar sobre seu território? O movimento espiralar, de Leda Maria Martins, implicado em meu corpo, está situado numa repetição e circularidade, na oralidade das minhas mais velhas transformadas em escrita viva do tempo. A bicha Amazônida racializada é uma escrita viva do tempo, um confronto a colonização, profanando a história sobre como a colonização e as normalizações de gênero e sexualidade incidiram sobre a região. Espiralar o tempo é garantir a continuidade dos saberes da Amazônia, possibilitando a memória das que vieram antes e os caminhos das que virão, pois, é a memória encarnada no corpo que viaja no tempo.

**Palavras-chave:** bicha racializada. Amazônida. Espiralar. Oralidade. Subjetividade.

**1. INTRODUÇÃO**

Esta escavação é uma possibilidade de pensar outras formas de saberes que dão conta de manter a cultura viva, abrindo caminhos para tecer uma escrita contaminada em primeira pessoa, uma viagem pelos saberes ancestrais que nos são transmitidos pelos nossos mais velhos. É uma articulação entre o pensamento da escritora, pensadora e poeta Leda Maria Martins sobre performance e tempo com os saberes do e no corpo de uma bicha racializada da Amazônia, saberes dos mais velhos e do território.

Não farei uma historicização da colonização da Amazônia o da cultura, o que me interessa aqui é a cultura vivida (os saberes), localizando e reconhecendo sua matriz nos povos africanos e indígenas, como também na potência do seu encontro na Amazônia, e a partir disso entender que todo meu corpo está em constante fluxo de troca com esses saberes que me foram repassados pelos meus mais velhos, em uma cadeia espiral que ao longo do tempo não foi desfeita e que territorializá-la em meu corpo é garantir sua permanência nesse tempo. É um trabalho de auto escavação, do meu corpo enquanto território e composto orgânico da terra da qual faço parte, bem como diz a escritora Cíntia Guedes, “Às escavações se contrapõem as edificações da escrita historiográfica, dita como uma operação estritamente intelectual, que compõem os monumentos que soterram nossos cemitérios.” (GUEDES, 2018, pag. 9) Assim, reconhecer meu corpo como parte viva e pulsante da história da Amazônia, que experimenta constantemente a inserção nos planos espirituais, energéticos e materiais do território, elementos fundamentais que compõem a experiência de se colocar e nomear como pertencente a região Amazônica.

É uma abertura para se pensar para além dos escritos, é uma forma de escavar os saberes que nos forjam enquanto seres, corpos Amazônidas, como traz em seu trabalho e corpo a escritora e professora paraense Danielle Miranda, “Pois falo d’um lugar preta e também habitante d’uma ancestralidade indígena desde a Amazonia. Subjetivo-me, fiz-me e faço-me nesta terra, pedindo licença aos encantados e as encantadas [...]” (MIRANDA, 2018, pag. 30).

**2. BICHA CRIADA PELA AVÓ, ORALIDADES ECOANTES**

Aqui quero meu concentrar nos saberes e caminhos andados em companhia das minhas mais velhas, os saberes que me foram transmitidos pela oralidade, pelas histórias contadas e catadas, pelas idas e vindas dos igarapés, dos quintais das vizinhas, das narrativas que compõe nossa imaginação e olhar sobre o nosso território, sobre o que não precisou ser dito, mas sim presenciado e vivido. É o lugar que a representação não dá conta de narrar e transmitir, são os saberes que extrapolam o lugar de representação.

Dizem as línguas – cresci ouvindo –, que criança criada por vó é mimada, no fim, talvez, seja. Mas, hoje, encarando minha infância, adolescência e vida adulta, vejo que esse lugar do mimar contém algo que é fundamental para o que quero articular com o pensamento de Leda Maria Martins (2005) sobre a *performances do tempo espiralar*, que é como me localizo nesse tempo articulado por Leda na sustentação dos saberes e do seu não apagamento com o passar do tempo, então, de certa forma não é bem um mimar, em seu sentido de torna fácil ou quem foi mimado, e sim ninar, ninar de histórias e compartilhamentos de caminhadas. Foi minado com os ninar do tempo, narrado por essas mais velhas, e esse ninar não está somente na ordem das cantigas, mas também das oralidades que embalam os ensinamentos cotidianos de uma criança e adolescente, seja no interior ou em uma cidade grande da Amazônia. Esses ensinamentos não estão em livros ou escritos, são os sons que estão circulando num tempo não cronológico.

No interior aprendemos com os mais velhos a dia e hora que a maré estará cheia e vazia, quando cheia todos vamos nos banhar, é a água do mar entrando nos caminhos dos rios, aumentando desta forma o nível de água nos igarapés, quando esvazia é o rio voltando, parece um movimento de retira e retorno em respeito a presença, ora da água salgada ora da água doce. É uma dança das águas no mangue, pois nunca está doce, nem salgada, mas sim salobra. Então escutávamos, “amanhã pela manhã a maré vai está cheia”. Uma das primeiras coisas quando chegávamos no interior era ir se banhar no mangue para nos purificar.

Aprendi sobre as feiticeiras, que diziam serem mulheres mais velhas que a noite se transformavam, eram como bruxas. Como também o conhecimento com ervas, minha vó sempre tem um chá pra tudo, dor de barriga, digestão, inflamação, pedra nos rins, dor nas articulações, mas não somente chás, com também ervas, misturas de ervas, óleos de alguns frutos, infusão de cascas de árvores. Esse é um dos saberes mais importante que está comigo e que me leva a pensar na performance do tempo espiralar de Leda Maria Martins. Se eu me feria minha vó passava jucá imerso em álcool – que pode ser feito tanto do fruto, da casca do fruto ou casa do caule, para inflamação. Dor de garganta, pega-se um pano envolto no dedo, mela na andiroba e introduz na garganta para limpá-la, andiroba também para dores. Chá da folha da goiabeira para dor de barriga. Espinheira santa para o estômago.

Ser uma bicha criada pela vó é ser ninada por esses conhecimentos, pela oralidade e performance do corpo. Existe nessa trajetória uma dobra, que é o ser bicha (se reconhecer enquanto) e seu corpo desobediente das normas carregando esse conhecimento, pois ao se reconhecer enquanto esse corpo que, historicamente, foi e é perseguido é estar em constante fuga para sobreviver e se encontrar nessa ancestralidade é dar conta de uma fuga para uma dupla sobrevivência, do seu corpo e da sobrevivência do conhecimento. Ser uma bicha nesse processo de ser reconhecer enquanto parte fundamental desse processo de sustentação da oralidade é se perceber vivo nessa cultural, mesmo estando morta socialmente.

É através desse ninar, da oralidade dos mais velhos, do torna-se consciente do seu corpo imerso nesses saberes, entrando por todos seus poros, que diante os processos de fuga para sobreviver que você encontra pulsação, no mútuo movimento entre a sustentação da ancestralidade e da ancestralidade sustentando seu corpo. Mesmo diante a materialidade letal a qual o corpo de uma bicha racializada está, essa dimensão do conhecimento é capaz de transportá-la para a dimensão da vividez. Mesmo que esse saber seja da ordem do material, não precisa estar frente a frente, basta a lembrança imagética, sonora ou olfativa para desencadear uma onda que alimenta seu espirito.

São as vias de conexões, o que garante que meu corpo mesmo que distante, hoje, esteja em conexão com o território da qual eu pertenço, e maior que o território, da memória ancestral da qual sustento. Se perceber enquanto constituinte dessa matriz de saber é sair sem se perder no mundo, uma ferramenta tecnológica que nos faz aterrizar nos tempos que compõe nosso corpo.

Essas lembranças e breves histórias que narrei são parte do meu corpo, memória e performance. Aprender com meus mais velhos, ser minado de ninar foram e são aberturas que me fazem ocupar e caminhar no presente, que não me fazem perder de vista os rastros antepassados dos meus mais velhos, tomando para mim (por escolha) a responsabilidade de caminhar e pisar firme com essas oralidades, que dão conta da racialidade do meu corpo, me invocando enquanto bicha Amazônida racializada, não como identidade, mas como sentido de pertença de um território e cultura, um corpo carregado de saberes e rastros daqueles que vieram antes de mim.

**3. ESPIRALANDO O TEMPO**

Leda Maria Martins (2002) em seu trabalho intitulado “Performances do tempo espiralar”, através dos rituais de Congado, vai falar sobre as performances rituais afro-americanas, observando no tempo, a performance garante a continuidade dos saberes e ancestralidades africanas no Brasil. O trabalho de Leda é uma flecha para situar o presente trabalho, pois é através de sua pesquisa e sua construção teórica sobre espiralar e tempo que localizo as articulações pretendidas. Ler o texto de Leda é pensar sobre as oralidades e rituais dos povos negros e indígenas da Amazônia, os saberes que não desapareceram com o tempo. Para Leda,

As performances rituais afro-americanas, em todos os seus elementos constitutivos, oferecem-nos um rico campo de investigação, conhecimento e de fruição. Por meio delas podemos vislumbrar alguns processos de criação de muitos suplementos que buscam cobrir as faltas, vazios e rupturas das culturas e dos sujeitos que aqui se reinventaram, dramatizando a relação pendular entre a lembrança e o esquecimento, a origem e sua perda. (MARTINS, 2002, pag. 71)

Um dos interesses para este trabalho é o trabalho de manter viva a cultura, especificamente, falando de Amazônia, as oralidades que dão conta de manter viva nossas conexões com o território e com a ancestralidade. Nesse sentido, convocando o corpo da bicha racializada, o que nos interessa é pensar sobre como esse corpo encarna em si, para si e para o território os vazios, saberes e reinvenção que sustenta a possibilidade de um não apagamento, pois é nessas articulações que conseguimos para além de manter viva os saberes dos nossos mais velhos, recuperar as histórias e lutas de resistência negra e indígena da região.

Para Martins (2002), as performances nos rituais dos Congos dão conta de manter viva a memória dos corpos negros ao longo do tempo, ou seja, mantém pulsante a memória dos seus antepassados, como também do território.

O que pretendo aqui é descolar o que Leda construiu sobre performances, tempo e espiralar para pensar nas relações de oralidades que meu corpo bicha Amazônida racializada carrega e suas implicações com o território, ancestralidade, memória coletiva, cultura e escavações sobre as pertenças indígenas e negras na potência de seus encontros.

Assim, para Leda,

As performances rituais, cerimônias, e festejos, por exemplo, são férteis ambientes de memória dos vastos repertórios de reservas mnemônicas, ações cinéticas, técnicas e procedimentos culturais residuais recriados, restituídos e expressos no e pelo corpo. (MARTINS, 2002, pag. 72)

Desta forma, podemos facilmente perceber, a partir dos breves relatos e memória que acionei sobre minha vó, tia e lembrança da andanças no interior, a importância dos resgastes da oralidade e a centralidade que ela pode ocupar para as escavações sobre os processos ancestrais contidos nas relações e no território, como também a importância de reconhecer no seu corpo as marcas do tempo, olhado, assim, para seu corpo como um ritual, pois quando você vê seu corpo carregado de rastros dos seus, é impossível não vislumbrar seu corpo como uma memória viva, encarna pelos vários tempos, carregado de memória que dá conta de sustentar a cultura de seus antepassados.

No movimento de reconhecimento da pertença seu corpo (enquanto organismo vivo e memória) é levado a se voltar para o passado e rememorar as lembranças, num estágio anterior ao atravessamento. A toda nova relação e descoberta perante a nova cultura, minha memória se volta para a Amazônia como, por exemplo, na sonoridade. É nesse movimento de pertença que consegui escavar (e continuou) sobre os processos que constituem o território e cultura que onde vinha, ou seja, que minha pertença Amazônida, não como identidade, foi e é formada pelos caminhos abertos por negros e indígenas que atravessaram o tempo naquela região, assim, minha pertença é da ordem desse encontro e do que foi forjando a partir, onde está o carimbó, o tecnobrega, o tucupi, a maniçoba, o conhecimentos sobre ervas e remédios naturais, a forma de entrar e sair da mata, o momento de não ir se banhar no rio, os saberes que quando a maré está cheia ou em vazante, o saber ouvir dos sons que ecoam da floresta, e para além, a pertença que sustenta meu corpo Amazônida e que advém das minhas mais velhas. É nesse movimento que precisei refletir sobre deixar para trás ou levar comigo e sustentar no meu corpo todas as oralidades das minhas mais velhas, sabendo que não é apenas sustentar, mas se responsabilizar e cuidar de todos esses saberes, dessa forma, garantindo seu compartilhamento no tempo, assim é que se abre novas fresta no tempo. Esse primeiro movimento foi de me localizar.

O lugar do encontro, entre o negro e o indígena, que aciono vai de encontro com o que Leda chama de encruzilhada,

[...] uma clave teórica que nos permite clivar as formas híbridas que daí emergem. A noção de encruzilhada, utilizada como operador conceitual, oferece-nos a possiblidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transcultural, nos quais se confrontam e se entrecruzam, nem sempre amistosamente, práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos, enfim [...] (MARTINS, 2002, pag. 73)

Esse lugar é que vibra no meu corpo, a qual sinto que meu corpo trabalha para fazer emergir enquanto possibilidade de experimentar estar vivo, pois como colocar Krenak, “Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida.” (KRENAK, 2019, pag. 26) Ainda, é o lugar de vislumbrar o ninar contido na oralidade dos meus mais velhos.

No segundo movimento, o espiralar, é a sustentação dessa teia e encruzilhada, é a experimentação vivida e reencarnada cotidianamente no próprio corpo, é performar no corpo a encruzilhada e sustenta-la, assim, acredito, transformar, enfim, o corpo em escrita viva e encarnada na pele, nos poros, na respiração, nas células, na memória. Escrita viva que permite acesso a toda uma rede ancestral de conhecimento acoplada no corpo, na hora de cozinhar, de buscar uma erva para fazer chá ou tentar, através dos aparatos tecnológicos (físicos), nos conectar através da sonoridade. Nesse movimento, toda vez que meu corpo sente saudades do território, dos amigos, coloco tecnobrega para tocar e meu corpo começar a viajar no tempo, como se pudesse se deslocar pelas ondas sonoras.

Sinto, com esse movimento que meu corpo, parece, sentir ou de alguma forma simular o cheiro de coisas afetivas, como cheiro de tucupi sendo fervido, a maniçoba sendo cozida no carvão ou fogão de barro. Podemos pensar em memória afetiva, mas não é somente sobre a memória e sim sobre a energia que isso desencadeia no corpo e espírito, como uma energia que dá conta de manter viva a memória não minha, mas dos meus mais velhos, é sobre isso, ajudar a carregar as performances do tempo.

Assim a pertença sai da esfera do localizar, a oralidade dos meus mais velhos sai da ordem do outro e vira compartilhada com meu corpo, viram parte viva do meu corpo. Nesse sentido, o trabalho de sustentação da bicha, enquanto escrita encarnada está imbricado não somente com a oralidade dos meus mais velhos e com a pertença Amazônida, mas com todas as bichas que vieram antes de mim, como Tibira, indígena Tupinambá que foi condenado e assassinado em 1613, no Maranhão, pela igreja, acusado de sodomia.

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sobre o tempo espiralar, Leda nos fala, “nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta” (MARTINS, 2002, pag. 84). O corpo da bicha Amazônida racializada na espiral do tempo é a própria experiência do tempo (saberes, oralidade e ancestralidade), corpo que vira a continuidade material e simbólica da terra. É a prolongação do tempo, adia o fim e estica a experiência e os saberes. O corpo na espiral se transforma (se transformou) diante da ameaça, para sobreviver.

O tempo espiralar não é sobre girar entorno do mesmo ou próprio eixo, assim quando o corpo virar escrita viva do tempo, não é sobre buscar um retorno ou um estágio de conhecimento, mas já ser em si o retorno, a própria ancestralidade manifestada, nunca igual, como diz Leda, “A primazia do movimento ancestral fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual, os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação.” (MARTINS, 2002, pag. 84)

Assim, estar na espiral do tempo e comprometido com a sustentação ancestral dos seus é garantir a continuidade, continuada pelo seu corpo como escrita viva, garantir os rastros, onde este tempo só é possível de ser concebido na ocupação do corpo ao espaço, ou seja, entra na espiral e se comprometer com a sustentação é ocupar o espaço, e mais, aceitar o espaço, esse espaço é o seu lugar no mundo, assim, para a bicha Amazônida racializada, espiralar o tempo é ocupar também os lugares soterrados (cheio de saberes), além dos já contínuos movimentos, ocupando os espaços, por vezes, interrompidos. Sabendo que a própria espiral na ocupação já movimento de dessoterrar.

Da oralidade para o corpo virar escrita viva do tempo, a bicha Amazônida racializada habita temporalidades múltiplas, sendo desta forma ancestral, assim, conforme Leda, “Nessa sincronia, o passado pode ser definido como o lugar de um saber e de uma experiência acumulativos, que habitam o presente e o futuro, sendo também por eles habitados.” (MARTINS, 2002, pag. 85)

Portanto, nas performances do tempo espiral, a bicha Amazônida racializada, quando permite seu corpo a virar escrita viva do tempo, está escavando seu corpo e permitindo emergir em si as outras bichas que vieram antes, está sustentando a pisada dos rastros, revirando a terra e dessoterrando os seus, trazendo para dançar os rastros do encontro do indígena e do negro na região Amazônica, permitindo assim recontar a história e ninar outros corpos pretos, indígenas e racializados, afim de manter vivar a cultura e os saberes do território. É sobre as possibilidades nas impossibilidades, afinal, ser bicha já é um movimento de fuga, porém a fuga também só é possível porque somos ancestrais.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

GUEDES, Cíntia. **Nada é Razoável**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad.: Jesse Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Somos índios, resistimos há 500 anos. Fico preocupado é se os brancos vão resistir**. [Entrevista concedida a] Christiana Martins. Expresso. 19 set. 2019. Disponível em: <<https://expresso.pt/internacional/2018-10-19-Somos-indios-resistimos-ha-500-anos.-Fico-preocupado-e-se-os-brancos-vao-resistir>> Acesso em: 30 de janeiro de 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Performance do Tempo Espiralar**. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Org.). **Performance, Exílio, Fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2002. P. 69-91.

MIRANDA, Danielle Santos de. **Subjetivação Afroamazônida**. Tese (Doutorado em Psicologia). UFF, Niterói, 2018.

1. Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (na linha Tecnologias da Comunicação e Estéticas) da Universidade Federal do Rio de Janeiro-PPGCOM/UFRJ. Possui Graduação em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Possui graduação em Administração pela Faculdade Pan Amazônica-FAPAN. E-mail: andreyrchagas@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)